

RELENDO FREUD

“PARA UMA INTRODUÇÃO DO NARCISISMO”

Alberto Smulever - Membro titular da Asociación Psicoanalítica Argentina e da Sociedade Psicanalítica do Recife

Resumo

Os textos freudianos, que são a base de nosso estudo, conservam sua vigência até nossos dias. Sigmund Freud, no entanto, não corrigiu muitos deles em suas sucessivas reedições. Embora novos conceitos tenham surgido em sua obra, que poderiam aclarar algumas dificuldades teóricas, ele não modificou seus escritos prévios. Qual terá sido o motivo? Em nosso grupo de estudos, decidimos fazer uma releitura dos textos freudianos, por um lado corrigindo os erros de tradução, e por outro, modificando-os à luz de trabalhos posteriores do mesmo Sigmund Freud.

Considerações iniciais:

O título do texto de Sigmund Freud “Introdução ao Narcisismo”, deveria ser traduzido como “Para uma Introdução do Narcisismo” na teoria psicanalítica. Assim como o título, muitos conceitos merecem ser revistos em dito trabalho. Foi considerado necessário fazer uma leitura crítica, incluindo concepções freudianas escritas posteriormente para aclarar algumas das passagens do texto. A seguir, apresentamos o resultado.

S. Freud escreve dito artigo em 1914 como resposta a uma colocação de Carl Jung sobre a teoria do narcisismo, que o mesmo Freud havia exposto no “Caso Schreber” (1911). Dizia Jung que a teoria do narcisismo

com relação às psicoses, com sua introversão libidinal, levaria à psicologia de um “anacoreta asceta” e não a uma psicose.

Criticando os conceitos de Jung, o autor discrimina as diferenças entre a introversão e a retração libidinal. Mas, confrontou-se com o fato de que suas teorizações sobre a libido levavam-no a uma concepção unívoca da “Energia Psíquica”, contrariando os fundamentos dialéticos de toda a sua obra. Sua decisão de separar a libido dos objetos, da libido do ego, como recurso para preservar a dialética, resultou impossível de ser mantida. É por isso que Freud renuncia a suas teorizações sobre o Narcisismo, abandonando o conceito depois de poucos anos.

A partir de 1920, ao escrever “Além do Princípio do Prazer”, com suas concepções sobre a pulsão de morte versus pulsão de vida, é que consegue voltar aos desenvolvimentos dialéticos presentes em toda a sua obra. Tendo em conta que Sigmund Freud só corrigiu “A Interpretação dos Sonhos” e “Três Ensaios para uma Teoria Sexual” em sucessivas reedições, deixando os demais trabalhos tal qual os tinha publicado, tivemos o atrevimento de fazer as correções do texto do Narcisismo a partir da introdução de Tânatos na teoria.

Da mesma forma, fazemos diferença entre um narcisismo trófico, libidinal, que facilita o desenvolvimento do sujeito, e um narcisismo destrutivo, tanático, presente em

todas as patologias psíquicas e psicossomáticas.

Outra linha de pensamento freudiano em “status nascendi”, no texto do narcisismo, é o conceito de ego-ideal e de ideal do ego. Acontece que essas colocações são mais claras a partir do artigo “O Ego e o Id” (1923), com base no qual fizemos também as correções pertinentes.

Com o objetivo presente de aclarar o texto e demonstrar sua vigência ativa para a compreensão dos fenômenos clínicos, fizemos correções nos conceitos de instinto e pulsão, para torná-los mais inteligíveis. Pedimos desculpas àqueles que possam sentir que alteramos as conceitualizações freudianas, mas é imprescindível realizar esta tarefa para compreender em sua extensão e profundidade o pensamento do criador da Psicanálise.

Começaremos com algumas notas aclaratórias para tornar mais fácil a leitura e compreensão do texto “Para uma Introdução do Narcisismo”.

Diferenças entre instintos e pulsões

INSTINTO: (Instinkt) Esquema de comportamento herdado, próprio de uma espécie animal, que pouco varia de um indivíduo para outro. Desenvolve-se segundo uma sequência temporal pouco suscetível de alterações e que parece corresponder a uma finalidade. Os instintos têm objeto específico, determinado biologicamente, e atendem a uma necessidade. Em psicanálise poderia ser utilizado para designar os instintos de autopreservação do indivíduo e da espécie.

PULSÃO: (Trieb) Conceito limite entre o corporal e o psíquico. É uma força que impulsiona o organismo para um alvo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (tensão), e é através de um objeto (contingente), que atinge seu alvo.

Modelo esquemático comparativo entre as psicoses e as neuroses, do texto “Introdução do Narcisismo”

PSICOSES	RETRAÇÃO LIBIDINAL-TANÁTICA	
----- =	----- =	
NEUROSES	INTROVERSÃO LIBIDINAL-TANÁTICA	
	Libido-tânatos do Ego	Ansiedade Hipocondríaca
		Neuroses Narcísicas
= ----- =	= ----- =	= ----- =
	Libido-tânatos dos objetos	Ansiedade Neurótica
		Neuroses Transferenciais

Desenvolvimento do conceito de narcisismo

1911 (Caso Schreber)

Autoerotismo -> Narcisismo Primário-> Narcisismo Secundário->Relação de Objeto Homossexual->Relação de Objeto Heterossexual

1914 (Para uma Introdução do Narcisismo)
Narcisismo Primário -> Narcisismo Secundário -> Relação de Objeto Homossexual -> Relação de Objeto Heterossexual

Psicossexualidade

Assim como no corpo encontramos as características especiais da pulsão: fonte, objeto, alvo e força, isso se reproduz em nosso aparelho psíquico. Mas, ainda existindo as representações da pulsão dentro de nosso psiquismo, não nos encontramos no âmbito da psicossexualidade, pois ditas forças e suas representações ideativas atravessam o aparelho sem impedimentos, são evacuadas imediatamente de acordo com o Princípio de Prazer-Desprazer.

Temos o direito de falar de psicossexualidade apenas quando se instala Recal-

que Primordial. Este recalque originário não é produzido em um só ato; desenvolve-se, paulatinamente, à medida que surge um pré-consciente para cada pulsão parcial. A constituição do pré-consciente impede a descarga automática das pulsões, inibindo seus desenvolvimentos.

Que fatores influem para dita inibição? Por um lado, fatores biológicos: a mielinização dos terminais nervosos como partedo processo geral de amadurecimento. Mas, por outro lado, e de maneira mais significativa, os fatores sociais. Estes são as ameaças da perda do amor dos objetos, ou as ameaças da perda dos objetos mesmos, as quais, além de inibir as descargas pulsionais, podem até alterar os fatores biológicos. Ou seja, é o amor dos objetos primordiais e a ameaça de sua perda que determinam, após a instalação do Recalque Primordial, o começo de nossa psicosexualidade.

O psiquismo infantil, resultado do recalque das pulsões sexuais só pode ser organizado a partir da ameaça de perda do amor do objeto. Mas esse amor surge apenas quando os pais aceitam a própria ambivalência, ou seja, quando reconhecem e aceitam que tanto amam quanto odeiam a seu próprio filho.

O recém-nascido encontra-se no mundo das trevas originário, destrutivo, hostil, caótico, que requer a emergência de vínculos eróticos para organizar sua vida e sua psicosexualidade. A partir desse momento, constitui-se o aparelho psíquico para evacuar as tensões que aparecem nos representantes pulsionais. Ditas exigências de descarga são originalmente corporais e peremptórias, ou seja, exigem a descarga imediata.

A possibilidade de impedir dita descarga inadequada só surge quando se instala o Recalque Primário, que permite adiar a ação. É só a partir desse momento que podemos

falar de psicosexualidade: quando aparece o funcionamento do Processo Secundário.

A Segunda Teoria Pulsional

Sigmund Freud coloca no livro “O Ego e o Isso”. “Desenvolvi ultimamente uma visão das pulsões que sustentarei aqui e tomarei como base de meus debates ulteriores. Segundo essa visão, temos de distinguir duas classes de pulsões, uma das quais, as pulsões sexuais ou Eros, é, de longe, a mais conspícua e acessível ao estudo. Ela abrange não apenas a pulsão sexual desinibida propriamente dita e as pulsões de natureza inibida quanto ao objetivo ou sublimada que dela derivam, mas também os instintos autopreservativos, que devem ser atribuídos ao ego e que, no início de nosso trabalho analítico, tínhamos boas razões para contrastar com as pulsões sexuais. A segunda classe de pulsões não foi tão fácil de indicar; ao final, viemos a reconhecer o sadismo como seu representante. Com base em considerações teóricas, apoiadas pela biologia, apresentamos a hipótese de uma pulsão de morte, cuja tarefa é conduzir a vida orgânica de volta ao estado inanimado; por outro lado, imaginamos que Eros, por ocasionar uma combinação de conseqüências cada vez mais amplas das partículas em que a substância viva se acha dispersa, visa a complicar a vida e, ao mesmo tempo, naturalmente, a preservá-la. Agindo dessa maneira, ambas as pulsões seriam conservadoras no sentido mais estrito da palavra, visto que ambas estariam se esforçando para restabelecer um estado de coisas que foi perturbado pelo surgimento da vida. O surgimento da vida seria, então, a causa da continuação da vida e também, ao mesmo tempo, do esforço no sentido da morte. E a própria vida seria um conflito e uma conciliação entre essas duas tendências. O problema da origem da

vida permaneceria cosmológico, e o problema do objetivo e propósito da vida seria respondido dualisticamente. Segundo este ponto de vista, um processo fisiológico especial (de anabolismo ou catabolismo) estaria associado a cada uma das duas classes de pulsões; ambos os tipos de pulsões estariam ativos em toda partícula de substância viva, ainda que em proporções desiguais, de maneira que determinada substância poderia ser o principal representante de Eros.

A hipótese não lança qualquer luz sobre a maneira pela qual as duas classes de pulsões se fundem, misturam e ligam uma com a outra, mas que isso se realiza de modo regular e de modo muito extensivo, constitui pressuposição indispensável à nossa concepção. Parece que, em resultado da combinação de organismos unicelulares em formas multicelulares de vida, a pulsão de morte da célula isolada pode ser neutralizada com sucesso e os impulsos destrutivos desviados para o mundo externo, mediante o auxílio de um órgão especial. Esse órgão especial pareceria ser o aparelho muscular; e a pulsão de morte pareceria, então, expressar-se – ainda que, provavelmente, apenas em parte – como uma pulsão de destruição dirigida contra o mundo externo e outros organismos.

Uma vez que tenhamos admitido a idéia de uma fusão das duas classes de pulsões uma com a outra, a possibilidade de uma ‘desfusão’ – mais ou menos completa – se impõe a nós. O componente sádico da pulsão sexual seria o exemplo clássico de uma fusão pulsional útil; e o sadismo que se tornou independente como perversão seria típico de uma desfusão, embora não conduzida a extremos. A partir deste ponto, obtemos a visão de um grande domínio de fatos que ainda não tinham sido considerados sob essa luz.

Percebemos que, para fins de descarga, a pulsão de destruição é habitualmente colocada a serviço de Eros; suspeitamos que a crise epilética seja produto e indicação de uma desfusão pulsional, e viemos a compreender que a desfusão pulsional e o surgimento pronunciado da pulsão de morte exigem consideração específica entre os efeitos de algumas neuroses graves, tais como, por exemplo, as neuroses obsessivas. Fazendo uma generalização rápida, poderíamos conjecturar que a essência de uma regressão da libido (da fase genital para a anal-sádica, por exemplo) reside numa desfusão de pulsões, tal como, inversamente, o avanço de uma fase anterior para a genital definitiva estaria condicionado a um acréscimo de componentes eróticos. Surge também a questão de saber se a ambivalência comum, que com tanta frequência é inusitadamente forte na disposição constitucional à neurose, não deveria ser encarada como produto de uma desfusão; a ambivalência, contudo, é um fenômeno tão fundamental que ela mais provavelmente representa uma fusão pulsional que não se completou”.

Texto revisto:

Para uma introdução do narcisismo¹

CAPÍTULO I

O termo narcisismo deriva da descrição clínica e foi escolhido por Paul Näcke em 1899 para denotar a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado — que o contempla, vale dizer, o afaga e o acaricia até obter satisfação

¹ Texto de S.Freud, de 1914, com tradução revisada, e modificado por nós com base no artigo “Além do Princípio do Prazer-Desprazer”, de 1920.

completa através dessas atividades. Desenvolvido até esse grau, o narcisismo passa a significar uma perversão que absorveu a totalidade da vida sexual do indivíduo, exibindo, conseqüentemente, as características que esperamos encontrar no estudo de todas as perversões.

Observadores psicanalíticos foram subsequentemente surpreendidos pelo fato de que aspectos individuais da atitude narcisista são encontrados em muitas pessoas que sofrem de outras perturbações por exemplo, conforme Sadger ressaltou, em homossexuais, e finalmente afigurou-se provável que uma localização da libido e tânatos² que merecesse ser descrita como narcisismo talvez estivesse presente em muito maior extensão, podendo mesmo reivindicar um lugar no curso regular do desenvolvimento sexual humano. Dificuldades do trabalho psicanalítico em neuróticos conduziram à mesma suposição, pois parecia que, neles, essa espécie de atitude narcisista constituía um dos limites à sua susceptibilidade à influência. O narcisismo nesse sentido não seria uma perversão, mas o complemento libidinal e tanático do egoísmo do instinto de autopreservação, que, em certa medida, pode justificavelmente ser atribuído a toda criatura viva.

Um motivo premente para nos ocuparmos com a concepção de um narcisismo primário e normal surgiu quando se fez a tentativa de incluir o que conhecemos da demência precoce (Kraepelin) ou da esquizofrenia (Bleuler) na hipótese da teoria da libido. Esse tipo de pacientes, que eu propus fossem denominados de parafrênicos (melhor dito es-

quizofrênicos), exibem duas características fundamentais: megalomania e desvios de seu interesse do mundo externo — de pessoas e coisas. Em conseqüência da segunda modificação, tornam-se inacessíveis à influência da psicanálise e não podem ser curados por nossos esforços. Mas o afastamento do esquizofrênico do mundo externo necessita ser mais precisamente caracterizado. Um paciente que sofre de histeria ou de neurose obsessiva, enquanto sua doença persiste também desiste de sua relação com a realidade. Mas a análise demonstra que ele de modo algum corta suas relações eróticas e agressivas com as pessoas e as coisas. Ainda as retém na fantasia, isto é, ele substitui, por um lado, os objetos imaginários de sua memória por objetos reais, ou mistura os primeiros com os segundos, e, por outro, renuncia à iniciação das atividades motoras para a obtenção de seus objetivos relacionados àqueles objetos. Essa é a única condição da libido e tânatos a que podemos legitimamente aplicar o termo ‘introversão’ da libido-tânatos empregado por Jung indiscriminadamente.

Com o esquizofrênico a situação é diferente. Ele parece realmente ter retirado sua libido e tânatos de pessoas e coisas do mundo externo, sem substituí-las por outras na fantasia. Quando realmente as substitui, o processo parece ser secundário e constituir parte de uma tentativa de recuperação, destinada a conduzir a libido e tânatos de volta a objetos.

Surge a questão: Que acontece à libido e tânatos que foi afastada dos objetos externos na esquizofrenia? A megalomania característica desses estados aponta o caminho. Essa megalomania, sem dúvida, surge a expensas da libido e tânatos objetal. A libido-tânatos afastada do mundo externo é dirigida para o ego e assim dá margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo. Mas

² N.A.: Inserimos no texto o conceito de tânatos, energia da pulsão de morte, modificando-o à luz do artigo de 1920, quando Freud introduz a dualidade pulsional Eros-Tânatos, atendendo à sua necessidade de manter uma concepção dialética do mundo e do psiquismo, e opondo-se à concepção junguiana de uma energia única dessexualizada (Deus).

a própria megalomania não constitui uma criação nova; pelo contrário, é como sabemos, ampliação e manifestação mais clara de uma condição que já existia previamente. Isso nos leva a considerar o narcisismo que surge através da indução de catexias objetais como sendo secundário, superposto a um narcisismo primário que é obscurecido por diversas influências diferentes.

Desejo ressaltar que não me proponho aqui explicar ou penetrar ainda mais no problema da esquizofrenia, limitando-me meramente a reunir o que já foi dito em outras ocasiões, a fim de justificar a introdução do conceito de narcisismo.

Essa extensão da teoria da libido e tânatos — em minha opinião, legítima — recebe reforço de um terceiro setor, a saber, de nossas observações e conceitos sobre a vida psíquica das crianças e dos povos primitivos. Nos segundos, encontramos características que, se ocorressem isoladamente, poderiam ser atribuídas à megalomania: uma superestima do poder de seus desejos e atos mentais, a 'onipotência de pensamentos', uma crença na força taumatúrgica das palavras, e uma técnica para lidar com o mundo externo — 'mágica' — que parece ser uma aplicação lógica dessas premissas grandiosas. Nas crianças de hoje, cujo desenvolvimento é muito mais obscuro para nós, esperamos encontrar uma atitude exatamente análoga em relação ao mundo externo. Assim, formamos a ideia de que há uma catexia libidinal-tanática original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodes que produz. Em nossas pesquisas, tomando, como se tomou, os sintomas neuróticos como ponto de partida, essa parte da localização da

libido -tânatos permaneceu necessariamente oculta para nós no início. Tudo que observamos foram emanções dessa libido-tânatos, que denominamos catexias objetais e que podem ser transmitidas e retiradas novamente.

Também vemos, em linhas gerais, uma antítese entre a libido-tânatos do ego e a libido-tânatos objetal. Quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia. A libido-tânatos objetal atinge sua fase mais elevada de desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetal, ao passo que temos a condição oposta na fantasia do paranóico (ou autopercepção) do 'fim do mundo'. Finalmente, no tocante à diferenciação das energias psíquicas, somos levados à conclusão de que, para começar, durante o estado de narcisismo, elas existem em conjunto, sendo nossa análise demasiadamente tosca para estabelecer uma distinção entre elas. Somente quando há catexia objetal é que é possível discriminar uma energia sexual - a libido-tânatos - de uma energia das pulsões do ego.

Antes de prosseguir, devo tocar em duas questões que nos levam ao âmago das dificuldades de nosso assunto. Em primeiro lugar, qual a relação entre o narcisismo de que tratamos e o auto-erotismo, que descrevemos como um estado inicial da libido-tânatos? Em segundo, se concedemos ao ego uma catexia primária da libido-tânatos, por que há necessidade de distinguir ainda uma libido-tânatos sexual de uma energia não-sexual dos instintos do ego? A postulação de uma única espécie de energia psíquica não nos pouparia de todas as dificuldades que residem em diferenciar uma energia dos instintos do ego da libido-tânatos do ego, e a libido-tânatos do ego da libido-tânatos objetal?

No tocante à primeira questão, posso ressaltar que estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo — uma nova ação psíquica — a fim de provocar o narcisismo.

Provocaremos uma inquietação perceptível em qualquer analista de quem se exija uma resposta definitiva à segunda questão. Não é agradável a idéia de abandonar a observação pela controvérsia teórica estéril, mas nem por isso nos devemos esquivar de uma tentativa de elucidação. É verdade que noções tais como a de uma libido-tânatos do ego, uma energia dos instintos do ego, e assim por diante, não são particularmente fáceis de apreender, nem suficientemente ricas de conteúdo; uma teoria especulativa das relações em questão deveria começar por buscar como base um conceito nitidamente definido. Mas sou da opinião de que é exatamente nisso que consiste a diferença entre uma teoria especulativa e uma ciência erigida a partir da interpretação empírica. Esta última não invejará a especulação por seu privilégio de ter um fundamento suave, logicamente inatacável, contentando-se, de bom grado, com conceitos básicos nebulosos mal imagináveis, que espera apreender mais claramente no decorrer de seu desenvolvimento, ou que está até mesmo preparada para substituir por outros, pois essas idéias não são o fundamento da ciência no qual tudo repousa: esse fundamento é tão-somente a observação. Não são a base, mas o topo de toda a estrutura, e podem ser substituídas e eliminadas sem prejudicá-la. Em nossos dias, a mesma coisa vem acontecendo na ciência da física, cujas

noções básicas no tocante a matéria, centros de força, atração etc. são quase tão discutíveis quanto as noções correspondentes em psicanálise.

O valor dos conceitos ‘libido-tânatos do ego’ e ‘libido-tânatos do objeto’ reside no fato de que se originam do estudo das características íntimas dos processos neuróticos e psicóticos. A diferenciação da libido e tânatos numa espécie que é adequada ao ego e numa outra que está ligada a objetos é o corolário inevitável de uma hipótese original que estabelecia distinção entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego. Seja como for, a análise das neuroses de pura transferência (neurose de histeria e obsessiva) compeliu-me a fazer essa distinção, e sei apenas que todas as tentativas para explicar esses fenômenos por outros meios foram inteiramente infrutíferas.

Na ausência total de qualquer teoria das pulsões que nos ajude a encontrar nossa orientação, podemos permitir-nos, ou antes, cabe-nos começar por elaborar alguma hipótese para a sua conclusão lógica, até que ela ou se desintegre, ou seja confirmada. Existem vários pontos a favor da hipótese de ter havido desde o início uma separação entre as pulsões sexuais e os outros instintos do ego, além da utilidade de tal hipótese na análise das neuroses de transferência. Admito que somente essa segunda consideração não seria destituída de ambiguidade, porquanto poderia tratar-se de uma energia psíquica indiferente que só se torna libido ou tânatos através do ato de catexização de um objeto. Mas, em primeiro lugar, a distinção feita nesse conceito corresponde à distinção popular comum entre a fome e o amor e o ódio. Em segundo lugar, há considerações biológicas a seu favor. O indivíduo leva realmente uma existência dúplice: uma para servir as suas próprias finalidades e a outra como um

elo numa corrente, que ele serve contra sua vontade ou pelo menos involuntariamente. O indivíduo considera a sexualidade como um dos seus próprios fins, ao passo que, de outro ponto de vista, ele é um apêndice de seu germoplasma, a cuja disposição põe suas energias em troca de uma retribuição de prazer. Ele é o veículo mortal de uma substância (possivelmente) imortal — como o herdeiro de uma propriedade inalienável, que é o único dono temporário de um patrimônio que lhe sobrevive. A separação das pulsões sexuais dos instintos do ego simplesmente refletiria essa função dúplice do indivíduo. Em terceiro lugar, devemos recordar que todas as nossas ideias provisórias em psicologia presumivelmente algum dia se basearão numa subestrutura orgânica. Isso torna provável que as substâncias especiais e os processos químicos sejam os responsáveis pela realização das operações da sexualidade, garantindo a extensão da vida individual na da espécie. Estamos levando essa probabilidade em conta ao substituímos as substâncias químicas especiais por forças psíquicas especiais.

Tento em geral manter a psicologia isenta de tudo que lhe seja diferente em natureza, inclusive das linhas biológicas de pensamento. Por essa mesma razão, gostaria, nessa altura, de admitir expressamente que a hipótese de instintos do ego e pulsões sexuais separados (isto é, a teoria da libido-tânatos) está longe de repousar, inteiramente, numa base psicológica, extraindo seu principal apoio da biologia. Mas serei suficientemente coerente [com minha norma geral] para abandonar essa hipótese, se o próprio trabalho psicanalítico vier a produzir alguma outra hipótese mais útil sobre as pulsões. Até agora, isso não aconteceu. Pode ocorrer que, com mais fundamento e numa visão de maior alcance, a energia sexual —

a libido-tânatos — seja apenas o produto de uma diferenciação na energia que atua generalizadamente na mente. Mas tal assertiva não tem qualquer relevância. Relaciona-se com assuntos que se acham tão afastados dos problemas de nossa observação, e a respeito dos quais conhecemos tão pouco, que é igualmente ocioso contestá-la ou afirmá-la; essa identidade primordial talvez tenha tão pouco que ver com nossos interesses analíticos quanto o parentesco primordial de todas as raças da humanidade tem que ver com a prova de parentesco exigida a fim de se estabelecer um direito legal de herança. Todas essas especulações não nos levam a parte alguma. Visto não podermos esperar que outra ciência nos apresente as conclusões finais sobre a teoria das pulsões, é muito mais objetivo tentar ver que luz pode ser lançada sobre esse problema básico da biologia por uma síntese dos fenômenos *psicológicos*. Enfrentemos a possibilidade de erro, mas não nos deixemos dissuadir de buscar as implicações lógicas da hipótese que em primeiro lugar adotamos, de uma antítese entre os instintos do ego e as pulsões sexuais (hipótese à qual fomos forçosamente conduzidos pela análise das neuroses de transferência), e de verificar se ela se mostra destituída de contradições e se é profícua, e se pode ser aplicada também a outras perturbações, como a esquizofrenia.

Seria, naturalmente, uma questão diferente se se provasse que a teoria da libido-tânatos já fracassou na tentativa de explicar essa segunda doença. Isso foi asseverado por C. G. Jung (1912) e é por causa disso que me vi obrigado a entrar nessa última discussão, da qual gostaria de ter sido poupado. Teria preferido seguir até o fim o caminho trilhado na análise do caso Schreber sem qualquer discussão de suas premissas. Mas a asserção de Jung é, para dizer o mínimo, prematura.

Os fundamentos que apresenta para ela são deficientes. Em primeiro lugar, recorre a uma confissão, que eu teria feito, de que fora obrigado, devido às dificuldades da análise de Schreber, a estender o conceito de libido (isto é, a desistir de seu conteúdo sexual) e a identificar a libido com o interesse psíquico em geral. Ferenczi (1913b), numa crítica exaustiva à obra de Jung, já disse tudo o que é necessário a título de correção dessa interpretação errônea. Posso apenas corroborar sua crítica e repetir que jamais fiz tal retratação no tocante à teoria da libido. Outro argumento de Jung, a saber, que não podemos supor que a retirada da libido seja em si mesma suficiente para acarretar a perda da função normal do sentido da realidade, não é um argumento, mas um ditame. ‘Incorre em petição de princípio’ e poupa discussão, pois se e como isso é possível era precisamente o ponto que devia estar sob investigação. Em sua grande obra seguinte, Jung (1913 [339-40]) simplesmente falha na solução que eu havia indicado: ‘Ao mesmo tempo’, escreve, ‘ainda há o seguinte a ser levado em consideração (um ponto ao qual, incidentalmente, Freud se refere em sua obra sobre o caso Schreber (1911) — que a introversão da libido sexualis conduz a uma catexia do “ego”, e que possivelmente é isso que produz o resultado de uma perda da realidade. É realmente uma possibilidade tentadora explicar a psicologia da perda da realidade dessa maneira’. Mas, Jung não vai muito além no exame dessa possibilidade. Algumas linhas adiante ele a põe de lado com a observação de que essa determinante ‘resultaria na psicologia de um anacoreta ascético, não em demência precoce’. Quão pouco essa analogia inadequada pode ajudar-nos a resolver a questão fica claro pela consideração de que um anacoreta dessa espécie, que ‘tenta erradicar todos os traços de interesse sexual’ (mas

só no sentido popular da palavra ‘sexual’), nem sequer necessariamente exhibe qualquer localização patogênica da libido. Ele pode ter desviado inteiramente seu interesse sexual dos seres humanos; contudo, pode tê-lo sublimado num interesse elevado pelo divino, pela natureza, ou pelo reino animal, sem que sua libido tenha sofrido introversão até suas fantasias ou retorno a seu ego. Essa analogia pareceria excluir por antecipação a possibilidade de se estabelecer uma diferenciação entre o interesse que emana de fontes eróticas e os outros. Recordemos, além disso, que as pesquisas da escola suíça, por mais valiosas que sejam, elucidaram apenas duas facetas do quadro da esquizofrenia — a presença nele de complexos que conhecemos tanto em indivíduos saudáveis como em neuróticos e a similaridade das fantasias que nele ocorrem com mitos populares —, mas não puderam lançar mais luz alguma sobre o mecanismo da doença. Podemos, então, repudiar a asserção de Jung, segundo a qual a teoria da libido não só malogrou na tentativa de explicar a esquizofrenia, como também, portanto, é eliminada em relação às outras neuroses.

CAPÍTULO II

Parece-me que certas dificuldades especiais perturbam o estudo direto do narcisismo. Nosso principal meio de acesso a ele continuará a ser provavelmente a análise das parafrenias. Assim como as neuroses de transferência nos permitiram traçar as pulsões libidinais e tanáticas, também a demência precoce e a paranóia nos fornecerão uma compreensão interna (*insight*) da psicologia do ego. Mais uma vez, a fim de chegar à compreensão do que parece tão simples em fenômenos normais, teremos de recorrer ao campo da patologia com suas distorções

e exageros. Ao mesmo tempo, outros meios de abordagem nos permanecem acessíveis, e através deles podemos obter um conhecimento melhor do narcisismo. Passarei a examiná-los agora, na seguinte ordem: o estudo da doença orgânica, da hipocondria e da vida erótica dos sexos.

Ao avaliar a influência da doença orgânica sobre a distribuição da libido-tânatos, sigo uma sugestão que me foi feita verbalmente por Sándor Ferenczi. É do conhecimento de todos, e eu o aceito como coisa natural, que uma pessoa atormentada por dor e mal-estar orgânico deixa de se interessar pelas coisas do mundo externo, na medida em que não dizem respeito a seu sofrimento. Uma observação mais detida nos ensina que ela também retira o interesse *libidinal-tanático* de seus objetos amorosos: enquanto sofre, deixa de amar. A banalidade desse fato não justifica que deixemos de traduzi-lo nos termos da teoria da libido-tânatos. Devemos então dizer: o homem enfermo retira suas catexias libidinais-tanáticas de volta para seu próprio ego, e as põe para fora novamente quando se recupera. ‘Concentrada está a sua alma’, diz Wilhelm Busch a respeito do poeta que sofre de dor de dentes, ‘no estreito orifício do molar’.

Aqui a libido-tânatos e o interesse do ego partilham do mesmo destino e são mais uma vez indistiguíveis entre si. O egoísmo tão habitual do enfermo abrange os dois. Acharmos isso tão natural porque estamos certos de que, na mesma situação, nosso comportamento seria idêntico. A maneira pela qual os sentimentos de quem ama, por mais fortes que sejam, são banidos pelos males corpóreos, e de súbito substituídos por uma indiferença completa, constitui um tema que tem sido consideravelmente explorado por escritores humorísticos.

A condição do sono também se assemelha à doença, por acarretar uma retirada narcisista das posições da libido e tânatos até o próprio eu do indivíduo, ou, mais precisamente, até o desejo único de dormir. O egoísmo dos sonhos ajusta-se muito bem nesse contexto. Em ambos os estados, temos, pelo menos, exemplos de alterações na distribuição da libido e tânatos que são resultantes de uma modificação no ego.

A hipocondria, da mesma forma que a doença orgânica, manifesta-se em sensações corpóreas aflitivas e penosas, tendo sobre a distribuição da libido-tânatos o mesmo efeito que a doença orgânica. O hipocondríaco retira tanto o interesse quanto a libido-tânatos — a segunda de forma especialmente acentuada — dos objetos do mundo externo, concentrando ambos no órgão que lhe prende a atenção. Torna-se agora evidente uma diferença entre a hipocondria e a doença orgânica: na segunda, as sensações aflitivas baseiam-se em mudanças demonstráveis [orgânicas]; na primeira, isso não ocorre. Mas estaria inteiramente de acordo com nossa concepção geral dos processos de neurose, se resolvêssemos dizer que a hipocondria deve estar certa: deve-se supor que as modificações orgânicas também estão presentes nela.

Mas o que seriam essas mudanças? Deixar-nos-emos guiar, nessa altura, por nossa experiência, a qual mostra que as sensações corpóreas de natureza desagradável, comparáveis às da hipocondria, ocorrem também nas outras neuroses. Já tive ocasião de dizer que me inclino a classificar a hipocondria, juntamente com a neurastenia e a neurose de angústia, como uma terceira neurose “atual”. Provavelmente não estaremos exagerando ao supormos que uma pequena porção de hipocondria estaria em geral presente na constituição das outras neuroses.

Temos o melhor exemplo disso, creio eu, na neurose de angústia com sua superestrutura de histeria. Ora, o protótipo habitual de um órgão que é dolorosamente delicado, que de alguma forma é alterado e que, contudo, não está doente no sentido comum do termo, é o órgão genital em seus estados de excitação. Nessa condição, ele fica congestionado de sangue, intumescido e umectado, sendo a sede de uma multiplicidade de sensações. Descrevamos, agora, tomando qualquer parte do corpo, sua atividade de enviar estímulos sexualmente excitantes à mente, como sendo sua ‘erogenicidade’, e reflitamos, ainda, que as considerações nas quais se baseou nossa teoria da sexualidade de há muito nos habituou à ideia de que certas outras partes do corpo — as zonas ‘erógenas’ — podem atuar como substitutos dos órgãos genitais e se comportarem analogamente a eles. Temos então apenas mais um passo a dar. Podemos decidir considerar a erogenicidade como uma característica geral de todos os órgãos e, então, podemos falar de um aumento ou diminuição dela numa parte específica do corpo. Para cada uma das modificações na erogenicidade dos órgãos poderia, então, verificar-se uma modificação paralela da catexia libidinal e tanática no ego. Tais fatores constituíram aquilo que acreditamos estar subjacente à hipocondria e aquilo que pode exercer o mesmo efeito sobre a distribuição da libido e tãatos tal como produzida por uma doença material dos órgãos.

Vemos que, se acompanharmos essa linha de raciocínio, nos defrontaremos não só com o problema da hipocondria, mas também com o das outras neuroses “atuais”, a neurastenia e a neurose de angústia. Paremos, portanto, nesse ponto. Não pertence ao âmbito de uma indagação puramente psicológica penetrar tanto nas fronteiras da pes-

quisa fisiológica. Mencionarei simplesmente que, a partir desse ponto de vista, podemos suspeitar que a relação da hipocondria com a parafrenia é semelhante à das outras neuroses “atuais” com a histeria e a neurose obsessiva: o seja, que a hipocondria está na dependência da libido-tãatos do ego, assim como as outras neuroses atuais estão na da libido-tãatos objetal, e que a ansiedade (medo) hipocondríaca é a contrapartida, enquanto provém da libido-tãatos do ego, da ansiedade (medo) neurótica. Além disso, visto já estarmos familiarizados com a ideia de que o mecanismo do adoecer e da formação de sintomas, nas neuroses de transferência - o caminho da introversão para a regressão - deve ficar vinculado a um represamento da libido-tãatos objetal, podemos também ficar mais perto da ideia de um represamento da libido-tãatos do ego, e podemos estabelecer uma relação dessa ideia com os fenômenos da hipocondria e da esquizofrenia.

Nesse ponto, nossa curiosidade naturalmente perguntará por que esse represamento da libido-tãatos no ego teria de ser experimentado como desagradável. Contentar-me-ei com a resposta de que o desprazer é sempre a expressão de um grau mais elevado de tensão, e que, portanto, o que ocorre é que uma quantidade no campo dos acontecimentos materiais é transformada, aqui como em outros lugares, na qualidade psíquica do desprazer. Não obstante, talvez o fator decisivo para a geração do desprazer não seja a magnitude absoluta do acontecimento material, mas antes alguma função específica dessa magnitude absoluta. Aqui podemos até mesmo aventurar-nos a abordar a questão de saber o que torna absolutamente necessário para a nossa vida mental ultrapassar os limites do narcisismo e ligar a libido-tãatos a objetos. A resposta decorrente de nossa linha

de raciocínio mais uma vez seria a de que essa necessidade surge quando a catexia do ego com a libido-tânatos excede certa quantidade. Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar (e odiar) a fim de não adoecemos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração e o medo, formos incapazes de amar (e odiar). Isso acompanha mais ou menos os versos do quadro que Heine traça sobre a psicogênese da Criação:

Krankheit ist wohl der letzte GrundDes ganzen Schöpferdrangs gewesen; Erschaffend konnte ich genesen, Erschaffend wurde ich gesund. (“Foi a doença que causou meu ímpeto para criação; e criando pude ficar são, e criar foi que me salvou”).

Reconhecemos nosso aparelho mental como sendo, acima de tudo, um dispositivo destinado a dominar as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos. Sua elaboração na mente auxilia de forma marcante um escoamento das excitações que são incapazes de descarga direta para fora, ou para as quais tal descarga é, no momento, indesejável. No primeiro caso, contudo, é indiferente que esse processo interno de elaboração seja efetuado em objetos reais ou imaginários. A diferença não surge senão depois — caso a transferência da libido-tânatos para objetos irreais (introversão) tenha ocasionado seu recalque. Nos esquizofrênicos, a megalomania permite semelhante elaboração interna da libido-tânatos que voltou ao ego; talvez apenas quando a megalomania falhe, o recalque da libido-tânatos no ego se torne patogênico e inicie o processo de recuperação que nos dá a impressão de ser uma doença.

Tentarei aqui penetrar um pouco mais no mecanismo da esquizofrenia e reunirei os

conceitos que já me pareçam merecedores de consideração. A diferença entre as afecções esquizofrênicas e as neuroses de transferência parece-me estar na circunstância de que, nas primeiras, a libido-tânatos liberada pela frustração e pelo medo não permanece ligada a objetos na fantasia, mas se retira para o ego. A megalomania corresponderia, por conseguinte, ao domínio psíquico dessa última quantidade de libido-tânatos, e seria assim a contrapartida da introversão para as fantasias, que são encontradas nas neuroses de transferência; uma falha dessa função psíquica dá margem à hipocondria da esquizofrenia, e isso é homólogo à ansiedade das neuroses de transferência. Sabemos que essa ansiedade pode ser transformada por uma elaboração psíquica ulterior, isto é, por conversão, formação de reação ou construção de proteções (fobias). O processo correspondente nos esquizofrênicos consiste numa tentativa de restauração, à qual se devem as surpreendentes manifestações da doença. De uma vez que a esquizofrenia com frequência, se não geralmente, acarreta apenas um desligamento parcial da libido-tânatos dos objetos, podemos distinguir três grupos de fenômenos no quadro clínico: (1) os que representam o que resta de um estado normal de neurose (fenômenos residuais); (2) os que representam o processo mórbido (afastamento da libido-tânatos dos seus objetos e, além disso, megalomania, hipocondria, perturbações afetivas e todo tipo de regressão); (3) os que representam a restauração, nos quais a libido e tânatos são mais uma vez ligadas a objetos, como uma histeria (na esquizofrenia), ou como numa neurose obsessiva (na paranóia). Essa nova catexia libidinal difere da primária por partir de outro nível e sob outras condições. A diferença entre as neuroses de transferência, que ocorrem no caso

de nova espécie de catexia libidinal-tanática e as formações correspondentes, onde o ego é normal, devem ser capazes de nos proporcionar a compreensão interna (*insight*) mais profunda da estrutura de nosso aparelho mental.

Uma terceira maneira pela qual podemos abordar o estudo do narcisismo é através da observação da vida erótica dos seres humanos, com suas várias espécies de diferenciação no homem e na mulher. Assim como a libido-tânatos objetal inicialmente ocultava de nossa observação a libido-tânatos do ego, também em relação à escolha de objeto nas crianças de tenra idade (e nas crianças em crescimento) o que primeiro notamos foi que elas derivavam seus objetos sexuais de suas experiências de satisfação. As primeiras satisfações sexuais auto-eróticas são experimentadas em relação com funções vitais que servem à finalidade de autopreservação. As pulsões sexuais estão de início, ligados à satisfação dos instintos do ego; somente depois é que eles se tornam independentes destes, e mesmo então encontramos uma indicação dessa vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção: isto é, no primeiro caso, sua mãe ou quem quer que a substitua. Lado a lado, contudo, com esse tipo e fonte de escolha objetal, que pode ser denominado o tipo ‘analítico’, ou de ‘ligação’, a pesquisa da psicanálise revelou um segundo tipo, que não estávamos preparados para encontrar. Descobrimos, de modo especialmente claro, em pessoas cujo desenvolvimento libidinal-tanático sofreu alguma perturbação, tais como pervertidos e homossexuais, que em sua escolha ulterior dos objetos amorosos elas adotaram como modelo não sua mãe, mas sua própria pes-

soa. Procuram inequivocamente a si mesmas como um objeto amoroso, e exibem um tipo de escolha objetal que deve ser denominado ‘narcisista’. Nessa observação, temos o mais forte dos motivos que nos levaram a adotar a hipótese do narcisismo.

Não concluimos, contudo, que os seres humanos se acham divididos em dois grupos acentuadamente diferenciados, conforme sua escolha objetal se coadune com o tipo analítico ou o narcisista; pelo contrário, presumimos que ambos os tipos de escolha objetal estão abertos a cada indivíduo, embora ele possa mostrar preferência por um ou por outro. Dizemos que um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais — ele próprio e a mulher que cuida dele — e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal.

Uma comparação entre os sexos masculino e feminino indica então que existem diferenças fundamentais entre eles no tocante a seu tipo de escolha objetal, embora essas diferenças naturalmente não sejam universais. O amor objetal completo do tipo de ligação é, propriamente falando, característico do indivíduo do sexo masculino. Ele exhibe a acentuada supervalorização sexual que se origina, sem dúvida, do narcisismo original da criança, correspondendo assim a uma transferência desse narcisismo para o objeto sexual. Essa supervalorização sexual é a origem do estado peculiar de uma pessoa apaixonada, um estado que sugere uma compulsão neurótica, cuja origem pode, portanto, ser encontrada num empobrecimento do ego em relação à libido em favor do objeto amoroso. Já com o tipo feminino mais frequentemente encontrado, provavelmente o mais puro e o mais verdadeiro, o mesmo

não ocorre. Com o começo da puberdade, o amadurecimento dos órgãos sexuais femininos, até então em estado de latência, parece ocasionar a intensificação do narcisismo original, e isso é desfavorável para o desenvolvimento de uma verdadeira escolha objetal com a concomitante supervalorização sexual. As mulheres, especialmente se forem belas ao crescerem, desenvolvem certo auto-contentamento que as compensa pelas restrições sociais que lhes são impostas em sua escolha objetal. Rigorosamente falando, tais mulheres amam apenas a si mesmas, com uma intensidade comparável à do amor do homem por elas. Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas; e o homem que preencher essa condição cairá em suas boas graças. A importância desse tipo de mulher para a vida erótica da humanidade deve ser levada em grande consideração. Tais mulheres exercem o maior fascínio sobre os homens, não apenas por motivos estéticos, visto que em geral são as mais belas, mas também por uma combinação de interessantes fatores psicológicos, pois parece muito evidente que o narcisismo de outra pessoa exerce grande atração sobre aqueles que renunciaram a uma parte de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetal. O encanto de uma criança reside em grande medida em seu narcisismo, seu auto-contentamento e inacessibilidade, assim como também o encanto de certos animais que parecem não se preocupar conosco, tais como os gatos e os grandes animais carniceiros. Realmente, mesmo os grandes criminosos e os humoristas, conforme representados na literatura, atraem nosso interesse pela coerência narcisista com que conseguem afastar do ego qualquer coisa que o diminua. É como se os invejássemos por manterem um bem-aventurado estado de espírito — uma posição libidinal inatacável que nós próprios

já abandonamos. O grande encanto das mulheres narcisistas tem, contudo, o seu reverso; grande parte da insatisfação daquele que ama, de suas dúvidas quanto ao amor da mulher, de suas queixas quanto à natureza enigmática da mulher, tem suas raízes nessa incongruência entre os tipos de escolha de objeto.

Talvez não seja fora de propósito apresentar aqui a certeza de que essa descrição da forma feminina de vida erótica não se deve a qualquer desejo tendencioso de minha parte no sentido de depreciar as mulheres. Afora o fato de essa tendenciosidade ser inteiramente estranha a mim, sei que essas diferentes linhas de desenvolvimento correspondem à diferenciação de funções num todo biológico altamente complicado; além disso, estou pronto a admitir que existe um número bem grande de mulheres que amam de acordo com os moldes do tipo masculino e que também desenvolvem a supervalorização sexual própria àquele tipo.

Mesmo para as mulheres narcisistas, cuja atitude para com os homens permanece fria, há um caminho que eleva ao amor objetal completo. Na criança que geram, uma parte de seu próprio corpo as confronta como um objeto estranho, ao qual, partindo de seu próprio narcisismo, podem então dar um amor objetal completo. Existem ainda outras mulheres que não têm de esperar por um filho a fim de darem um passo no desenvolvimento do narcisismo (secundário) para o amor objetal. Antes da puberdade, sentem-se masculinas e se desenvolvem de alguma forma ao longo de linhas masculinas; depois de essa tendência ter sido interrompida, de repente, ao alcançarem a maturidade feminina, ainda retêm a capacidade de anseio por um ideal masculino — ideal que é de fato uma sobrevivência da natureza de menino que outrora possuíram.

O que eu disse até agora à guisa de indicação pode ser concluído por um breve sumário dos caminhos que levam à escolha de um objeto.

Uma pessoa pode amar:

(1) Em conformidade com o tipo narcisista:

(a) o que ela própria é (isto é, ela mesma),

(b) o que ela própria foi,

(c) o que ela própria gostaria de ser,

(d) alguém que foi uma vez parte dela mesma.

(2) Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação):

(a) a mulher que a alimenta,

(b) o homem que a protege, e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar. A inclusão do caso (c) do primeiro tipo não pode ser justificada até uma etapa posterior deste exame.

A significância da escolha objetal narcisista para a homossexualidade nos homens deve ser considerada em relação a outra coisa.

O narcisismo primário das crianças por nós pressuposto e que forma um dos postulados de nossas teorias da libido e tânatos é menos fácil de apreender pela observação direta do que de confirmar por alguma outra inferência. Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. O indicador digno de confiança constituído pela supervalorização, que já reconhecemos como um estigma narcisista no caso da escolha objetal, domina, como todos nós sabemos, sua atitude emocional. Assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho — o que uma observação sóbria não permitiria — e de ocultar e esquecer todas

as deficiências dele. (Incidentalmente, a negação da sexualidade nas crianças está relacionada a isso.) Além disso, sentem-se inclinados a suspender, em favor da criança, o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados. A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação — ‘Sua Majestade o Bebê’, como outrora nós mesmos nos imaginávamos. A criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram — o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe.

No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança. O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior.

CAPÍTULO III

Os distúrbios aos quais o narcisismo original de uma criança se acha exposto, as reações com que ela procura proteger-se deles e os caminhos aos quais fica sujeita ao fazê-lo — tais são os temas que proponho deixar de lado, como importante campo de trabalho ainda por explorar. Sua parte mais importan-

te, contudo, pode ser isolada sob a forma do 'complexo de castração' (nos meninos, a ansiedade em relação ao pênis; nas meninas, a inveja do pênis) e tratada em conexão com o efeito da coerção inicial da atividade sexual. A pesquisa psicanalítica em geral nos permite reconstituir as vicissitudes sofridas pelas pulsões libidinais quando estas, isoladas das pulsões do ego, ficam em oposição a eles; mas no campo específico do complexo de castração, ela nos permite inferir a existência de uma época e de uma situação psíquica nas quais os dois grupos de pulsões, ainda atuando em uníssono e inseparavelmente mescladas, surgem como interesses narcisistas. Foi desse contexto que Adler [1910] extraiu seu conceito de 'protesto masculino', quase elevando-o à posição de única força motora na formação tanto do caráter quanto da neurose, e baseando-o não numa tendência narcisista, e portanto ainda libidinal, mas numa valorização social. A pesquisa psicanalítica reconheceu, desde o início, a existência e a importância do 'protesto masculino' mas o tem considerado, contrariamente a Adler, como sendo narcisista em sua natureza e oriundo do complexo de castração. O 'protesto masculino' está relacionado à formação do caráter, em cuja gênese penetra juntamente com muitos outros fatores, sendo, contudo, inteiramente inadequado para explicar os problemas das neuroses, no tocante às quais Adler nada leva em conta, a não ser a maneira pela qual elas servem aos instintos do ego. Acho inteiramente impossível situar a gênese da neurose na estreita base do complexo de castração, por mais poderosamente que, nos homens, esse complexo ocupe o primeiro plano entre suas resistências à cura de uma neurose. Incidentalmente, conheço casos de neuroses em que o 'protesto masculino' ou, como o encaramos, o complexo de castração,

não desempenha qualquer papel patogênico, nem sequer chegando a aparecer.

A observação de adultos normais revela que sua megalomania antiga foi arrefecida e que as podemos, porém, encontrar uma sugestão em outra resposta para a pergunta na psicologia do recalque. Características psíquicas a partir das quais inferimos seu narcisismo infantil foram apagadas. Que aconteceu à libido e tãatos do ego? Devemos supor que todos eles se converteram em catexias objetais? Essa possibilidade é claramente contrária ao encaminhamento de nossa argumentação;

Sabemos que as pulsões libidinais e tanáticas sofrem as vicissitudes do recalque patogênico se entram em conflito com os idéias culturais e éticas do indivíduo. Com isso, não queremos dizer que o indivíduo em questão dispõe de um conhecimento meramente intelectual da existência de tais representações; sempre queremos dizer que ele as reconhece como um padrão para si próprio, submetendo-se às exigências que elas lhe fazem. O recalque, como dissemos, provém do ego; poderíamos dizer com maior exatidão que provém do amor-próprio do ego. As mesmas impressões, experiências, impulsos e desejos, aos quais um homem se entrega, ou que pelo menos elabora conscientemente, serão rejeitados com a maior indignação por outro, ou mesmo abafados antes que entrem na consciência. A diferença entre os dois, que encerra o fator condicionante do recalque, pode ser facilmente expressa em termos que permitem seja ela explicada pela teoria da libido-tãatos. Podemos dizer que o primeiro homem fixou um ego-ideal em si mesmo, pelo qual mede seu ego atual, ao passo que o outro não formou qualquer ideal desse tipo. Para o ego, a formação de um ego-ideal seria o fator condicionante do recalque.

Esse ego ideal é agora o alvo do amor de si mesmo (*self-love*) desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal.

Somos naturalmente levados a examinar a relação entre essa formação de um ideal e a sublimação. A sublimação é um processo que diz respeito à libido-tânatos objetal e consiste no fato da pulsão se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual; nesse processo, a tônica recai na deflexão da sexualidade. A idealização é um processo que diz respeito ao *objeto*; por ela, esse objeto, sem qualquer alteração em sua natureza, é engrandecido e exaltado na mente do indivíduo.

A idealização é possível tanto na esfera da libido-tânatos do ego quanto na da libido-tânatos objetal. Por exemplo, a supervalorização sexual de um objeto é uma idealização do mesmo. Na medida em que a sublimação descreve algo que tem a ver com a pulsão, e a idealização algo que tem a ver com o objeto, os dois conceitos devem ser distinguidos um do outro.

A formação de um ego-ideal é muitas vezes confundida com a sublimação da pul-

são, em detrimento de nossa compreensão dos fatos. Um homem que tenha trocado seu narcisismo para abrigar um ideal elevado do ego, nem por isso foi necessariamente bem-sucedido em sublimar suas pulsões libidinais e tanáticas. É verdade que o ideal do ego exige tal sublimação, mas não pode fortalecê-la; a sublimação continua a ser um processo especial que pode ser estimulado pelo ideal, mas cuja execução é inteiramente independente de tal estímulo. É precisamente nos neuróticos que encontramos as mais acentuadas diferenças de potencial entre o desenvolvimento de seu ego-ideal e a dose de sublimação de suas pulsões libidinais e tanáticas primitivas; e em geral é muito mais difícil convencer um idealista a respeito da localização inconveniente de sua libido e tânatos do que um homem simples, cujas pretensões permaneceram mais moderadas. Além disso, a formação de um ego-ideal e a sublimação acham-se relacionadas, de forma bem diferente, à causação da neurose. Como vimos, a formação de um ideal aumenta as exigências do ego, constituindo o fator mais poderoso a favor da repressão; a sublimação é uma saída, uma maneira pela qual essas exigências podem ser atendidas sem envolver o recalque.

Não nos surpreenderíamos se encontrássemos um agente psíquico especial que realizasse a tarefa de assegurar a satisfação narcisista proveniente do ego-ideal, e que, com essa finalidade em vista, observasse constantemente o ego atual, medindo-o por aquele ego-ideal. Admitindo-se que esse agente de fato exista, de forma alguma seria possível chegar a ele como se fosse uma *descoberta* — podemos tão-somente *reconhecê-lo*, pois podemos supor que aquilo que chamamos de nossa ‘consciência moral’ possui as características exigidas. O reconhecimento desse agente nos permite compreender os chamados ‘delírios de sermos notados’ ou,

mais corretamente, de sermos *vigiados*, que constituem sintomas tão marcantes nas doenças paranóides, podendo também ocorrer como uma forma isolada de doença, ou intercalados numa neurose de transferência. Pacientes desse tipo queixam-se de que todos os seus pensamentos são conhecidos e suas ações vigiadas e supervisionadas; eles são informados sobre o funcionamento desse agente por vozes que caracteristicamente lhes falam na terceira pessoa ('Agora ela está pensando nisso de novo', 'Agora ele está saindo'). Essa queixa é justificada; ela descreve a verdade. Um poder dessa espécie, que vigia, que descobre e que critica todas as nossas intenções, existe realmente. Na realidade, existe em cada um de nós em nossa vida normal.

Os delírios de estar sendo vigiado apresentam esse poder numa forma regressiva, revelando assim sua gênese e a razão por que o paciente fica revoltado contra ele, pois o que induziu o indivíduo a formar um ego-ideal, em nome do qual sua consciência moral atua como vigia, surgiu da influência crítica de seus pais (transmitida a ele por intermédio da voz), aos quais vieram juntar-se, à medida que o tempo passou, aqueles que o educaram e lhe ensinaram, a inumerável e indefinível coorte de todas as outras pessoas de seu ambiente — seus semelhantes — e a opinião pública.

Dessa forma, grandes quantidades de libido-tânatos de natureza essencialmente de objeto homossexual são introduzidas na formação do ego-ideal narcisista, encontrando assim um escoadouro e satisfação em conservá-lo. A instauração da consciência moral foi, no fundo, uma personificação, primeiro da crítica dos pais, e, subsequente, da sociedade — processo que se repete quando uma tendência ao recalque se desenvolve de uma proibição ou obstáculo que proveio, no primeiro caso, de fora. As vozes, bem como a multidão indefinida, são reconduzidas ao

primeiro plano pela doença, e assim a evolução da consciência moral se reproduz de forma regressiva. Mas a revolta contra esse 'agente de censura' brota não só do desejo, por parte do indivíduo (de acordo com o caráter fundamental de sua doença), de libertar-se de todas essas influências, a começar pela dos pais, mas também do fato de retirar sua libido-tânatos de objeto homossexual delas. A consciência moral do paciente então se apresenta de maneira regressiva, como sendo uma influência hostil vinda de fora.

As queixas feitas pelos paranóicos também revelam que, no fundo, a autocrítica da consciência moral coincide com a auto-observação na qual ela se baseia. Assim, a atividade da mente que assumiu a função da consciência moral também se coloca a serviço da pesquisa interna, que proporciona à filosofia o material para as suas operações intelectuais. Isso pode ter certa relação com a tendência, característica dos paranóicos, de formar sistemas especulativos.

Por certo será de grande importância para nós encontrar provas da atividade desse agente criticamente observador -que se alçou à categoria de consciência moral e de introspecção filosófica - também em outros campos. Mencionarei aqui o que Herbert Silberer denominou de 'fenômeno funcional', um dos poucos acréscimos indiscutivelmente valiosos à teoria dos sonhos. Silberer, como sabemos, demonstrou que em estados entre o sono e a vigília podemos observar diretamente a tradução dos pensamentos em imagens visuais, mas que, nessas circunstâncias, com frequência temos a representação, não de um conteúdo do pensamento, mas do estado real (disposição, fadiga, etc.) da pessoa que luta contra o sono. De forma semelhante, revelou que as conclusões de alguns sonhos ou de algumas divisões de seu conteúdo significam meramente a própria percepção,

por parte daquele que sonha, do seu estado de sono ou de vigília. Silberer demonstrou assim o papel desempenhado pela observação — no sentido dos delírios do paranóico quanto a estar sendo vigiado — na formação dos sonhos. Esse papel não é constante. Provavelmente, desprezei-o por não desempenhar um papel relevante em meus próprios sonhos; nas pessoas filosoficamente dotadas e habituadas à introspecção ele pode tornar-se bastante evidente.

Lembremo-nos aqui de já termos verificado que a formação de sonhos ocorre sob o domínio de uma censura que força a distorção dos pensamentos oníricos. Não figuramos, contudo, essa censura como tendo um poder especial, mas escolhemos o termo para designar uma faceta das tendências recalcantes que regem o ego, a saber, a faceta que está voltada para os pensamentos oníricos. Se penetrarmos ainda mais na estrutura do ego, também poderemos reconhecer, no ideal do ego e nas expressões orais dinâmicas da consciência moral, o censor dos sonhos. Se esse censor estiver, até certo ponto, alerta, mesmo durante o sono, poderemos compreender como sua atividade sugerida de auto-observação e de autocrítica — com pensamentos tais como ‘agora ele está com muito sono para pensar’, ‘agora ele está despertando’ — presta uma contribuição ao conteúdo do sonho.

Nessa altura, podemos tentar um exame da atitude de auto-estima nas pessoas normais e nos neuróticos.

Em primeiro lugar, parece-nos que a auto-estima expressa o tamanho do ego; os vários elementos que irão determinar esse tamanho são aqui irrelevantes. Tudo o que uma pessoa possui ou realiza, todo remanescente do sentimento primitivo de onipotência que sua experiência tenha confirmado, ajuda-a a aumentar sua auto-estima.

Aplicando nossa distinção entre as pulsões sexuais e as do ego, devemos reconhecer que a auto-estima depende intimamente da libido-tânatos narcisista. Aqui somos apoiados por dois fatos fundamentais: o de que, nos esquizofrênicos, a auto-estima aumenta³ enquanto que nas neuroses de transferência ela se reduz; e o de que, nas relações amorosas, o fato de não ser amado reduz os sentimentos de auto-estima, enquanto que o de ser amado os aumenta. Como já tivemos ocasião de assinalar, a finalidade e satisfação em uma escolha narcisista de objeto consiste em ser amado.

Além disso, é fácil observar que a catexia objetal libidinal não eleva a auto-estima. A dependência ao objeto amado tem como efeito a redução daquele sentimento: uma pessoa apaixonada é humilde. Um indivíduo que ama priva-se, por assim dizer, de uma parte de seu narcisismo, que só pode ser substituída pelo amor de outra pessoa por ele. Sob todos esses aspectos, a auto-estima parece ficar relacionada com o elemento narcisista do amor.

A compreensão da impotência, da própria incapacidade de amar, em conseqüência de perturbação física ou mental, exerce um efeito extremamente diminuidor sobre a auto-estima. Aqui, em minha opinião, devemos procurar uma das fontes dos sentimentos de inferioridade experimentados por pacientes que sofrem de neuroses de transferência, sentimentos que esses pacientes estão prontos a relatar. A principal fonte desses sentimentos é, contudo, o empobrecimento do ego, por causa das enormes catexias libidinais dele re-

³ N.A.: Mais que aumentar a auto-estima por retração libidinal, produz-se um fenômeno de retração tânática, e o Ego só pode sair dessa situação de submissão masoquista às instâncias superegoicas, identificando-se com elas. Isto permite entender o aparente aumento da auto-estima, que acontece na crise maníaca, resultante da identificação do Ego com o Superego sádico.

tiradas e a permanência de catexias tanáticas, por causa, vale dizer, do dano sofrido pelo ego em função de tendências sexuais que já não estão sujeitas a seu controle.

Adler [1907] tem razão quando sustenta que, quando uma pessoa dotada de vida mental ativa reconhece uma inferioridade em um de seus órgãos, isso age como estímulo, provocando nessa pessoa um nível mais elevado de realização mediante supercompensação. Mas, definitivamente, incorreríamos em exagero se, seguindo o exemplo de Adler, procurássemos atribuir toda realização bem-sucedida a essa inferioridade original de um órgão. Nem todos os pintores são desfavorecidos por uma visão deficiente, e nem todos os oradores foram originariamente gogos. E existem numerosos exemplos de excelentes realizações que brotam de propriedades orgânicas superiores. Na etiologia das neuroses, a inferioridade orgânica e o desenvolvimento imperfeito desempenham papel insignificante — semelhante ao desempenhado por material perceptual geralmente ativo na formação dos sonhos. As neuroses fazem uso de tais inferioridades como um pretexto, assim como o fazem em relação a qualquer outro fator que se preste a isso. Somos tentados a acreditar numa paciente neurótica quando ela nos diz que era inevitável adoecer, visto que, por ser feia, deformada ou carente de encantos, ninguém poderia amá-la; logo, porém, outra neurótica nos prestará melhores esclarecimentos — pois persiste em sua neurose e em sua aversão à sexualidade, embora pareça mais desejável, e seja, de fato, mais desejada, do que a mulher comum. Em sua maioria, as mulheres histéricas são representantes atraentes e mesmo belas de seu sexo, ao passo que, por outro lado, a frequência da fealdade, de defeitos orgânicos e de enfermidades nas classes inferiores da sociedade não aumenta

a incidência da doença neurótica entre elas.

As relações entre auto-estima e erotismo — isto é, catexias objetais libidinais e tanáticas — podem ser expressas concisamente da seguinte forma. Devemos distinguir dois casos, conforme as catexias eróticas sejam ego-sintônicas, ou, pelo contrário, tenham sofrido recalque. No primeiro caso (onde o uso feito da libido-tânatos é ego-sintônico) o amor e o ódio são avaliados como qualquer outra atividade do ego. O amar em si, na medida em que envolva anelo e privação, reduz a auto-estima, esgota a libido e tânatos fica preenchendo o Eu. Por outro lado, ser amado, ser correspondido no amor, e possuir o objeto amado, eleva a auto-estima mais uma vez. (ser odiado diminui a auto-estima) Quando a libido-tânatos é recalçada (pelo conflito decorrente da ambivalência), sente-se a catexia erótica como grave esgotamento do ego; a satisfação do amor-ódio é impossível e o re-enriquecimento do ego só pode ser efetuado por uma retirada da libido de seus objetos. (ou por uma catexia tanática sobre os objetos). A volta da libido objetal ao ego e sua transformação no narcisismo representa, por assim dizer, um novo amor feliz; e, por outro lado, também é verdade que um verdadeiro amor feliz corresponde à condição primeira na qual a libido objetal e a libido do ego não podem ser distinguidas.⁴

A importância e o grau de extensão dos tópicos constituem minha justificativa para acrescentar algumas poucas observações de concatenação algo desconexa.

O desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento

⁴ N.A.: A volta de tânatos objetal ao ego, e sua transformação no narcisismo tanático, explica melhor a patologia psicótica, onde o mencionado “amor feliz” é em realidade uma crise maníaca.

é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ego-ideal imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal.

Ao mesmo tempo, o ego emite as catexias objetais libidinais. Torna-se empobrecido em benefício dessas catexias, do mesmo modo que o faz em benefício do ego-ideal, e se enriquece mais uma vez a partir de suas satisfações no tocante ao objeto, do mesmo modo que o faz, realizando seu ideal.

Uma parte da auto-estima é primária — o resíduo do narcisismo infantil; outra parte decorre da onipotência que é corroborada pela experiência (a realização do ego-ideal); enquanto uma terceira parte provém da satisfação da libido-objetal.

O ego-ideal impõe severas condições à satisfação da libido por meio de objetos, pois ele faz com que alguns deles sejam rejeitados por seu censor (ideal do ego) como sendo incompatíveis. Onde não se formou tal ideal do ego, a tendência sexual em questão aparece inalterada na personalidade sob a forma de uma perversão. Tornar a ser seu próprio ideal, como na infância, no que diz respeito às tendências sexuais não menos do que às outras — isso é o que as pessoas se esforçam por atingir como sendo sua felicidade.⁵ O estar apaixonado consiste num fluir da libido-tânatos do ego em direção ao objeto. Tem o poder de remover os recalques e de reinstalar as perversões. Exalta o objeto sexual transformando-o num ideal sexual. Visto que, com o tipo objetal (ou tipo de ligação), o estar apaixonado⁶, ocorre em virtude da realização das

condições infantis para amar, podemos dizer que qualquer coisa que satisfaça essa condição é idealizada.

O ideal sexual pode fazer parte de uma interessante relação auxiliar com o ego-ideal. Ele pode ser empregado para satisfação substitutiva onde a satisfação narcisista encontra reais entraves. Nesse caso, uma pessoa amará segundo o tipo narcisista de escolha objetal: amará o que foi outrora e não é mais, ou então o que possui as excelências que ela jamais teve. A fórmula paralela à que se acaba de mencionar diz o seguinte: o que possui a excelência que falta ao ego para torná-lo ideal é amado. Esse expediente é de especial importância para o neurótico, que, por causa de suas excessivas catexias objetais, é empobrecido em seu ego, sendo incapaz de realizar seu ego-ideal. Ele procura então retornar, de seu pródigo dispêndio da libido-tânatos em objetos, ao narcisismo, escolhendo um ideal sexual segundo o tipo narcisista que possui as excelências que ele não pode atingir. Isso é a cura pelo amor, que ele geralmente prefere à cura pela análise. Na realidade, ele não pode crer em outro mecanismo de cura; em geral traz para o tratamento expectativas dessa espécie, dirigindo-as à pessoa do médico. A incapacidade de amar-odiar do paciente, resultante de seus recalques extensivos, naturalmente atrapalha um plano terapêutico dessa natureza. Muitas vezes, se nos depara um resultado não pretendido quando, por meio do tratamento, o paciente é parcialmente liberado de seus recalques: ele suspende o tratamento a fim de escolher um objeto amoroso, deixando que sua cura continue a se processar por uma vida em comum com quem ele ama. Poderíamos ficar satisfeitos com esse resultado, se ele não trouxesse consigo todos os perigos de uma dependência mutiladora em relação àquele que o ajuda.

⁵ N.A.: As considerações acima expostas correspondem ao Narcisismo Estrutural-Libidinal. Nós temos sempre que considerar a dialética entre Narcisismo Libidinal e Narcisismo Tanático, sendo este último aquele que atua promovendo a patologia.

⁶ N.A.: Surge aqui uma confusão entre libido objetal e libido narcísica, pois nos estados de apaixonamento só podemos encontrar libido-tânatos narcísica em jogo.

O ego-ideal desvenda um importante panorama para a compreensão da psicologia das massas. Além do seu aspecto individual, esse ideal tem seu aspecto social; constitui também o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação. Ele vincula não somente a libido-tânatos narcisista de uma pessoa, mas também uma quantidade considerável de sua libido-tânatos de objeto homossexual, que dessa forma retorna ao ego. A falta de satisfação que brota da não realização desse ideal libera a libido-tânatos de objeto homossexual, sendo esta transformada em sentimento de culpa (ansiedade social). Originalmente esse sentimento de culpa era o temor de punição pelos pais, ou, mais corretamente, o medo de perder o seu amor; mais tarde, os pais são substituídos por um número indefinido de pessoas. Assim as considerações abordadas neste artigo permitem tornar mais compreensível a freqüente causação da paranóia que ocorre devido a um dano ao ego e a frustração (Versagung) da satisfação dentro da esfera do ideal do ego. Também fica mais inteligível, a convergência que ocorre entre a formação do ego-ideal e da sublimação, ambas dirigindo-se para o interior do ideal do ego, e ainda a involução das sublimações e a possível transformação de ideais em perturbações esquizofrênicas.⁷

⁷ Diferenças entre Ego-Ideal, Ideal do Ego e Super-Ego:
-Ego-Ideal: Formação intrapsíquica que surge a partir do modelo do narcisismo infantil. É uma imago ideal onipotente que o homem projeta diante de si. É resultado tanto da fusão do ego com o Id (Nünberg), como dos desejos narcísicos ideais dos pais, que ficam dentro do filho (Lacache) e (Lacan).

-Ideal do Ego: Instância psíquica prévia ao surgimento do Complexo de Édipo, constituído pelas imagos parentais que reprimem as manifestações pulsionais do filho através de ameaças de perda do amor ou de perda do objeto mesmo.

-Super-Ego: É uma instância da personalidade que surge pelas identificações com os pais (com o declínio do complexo de Édipo) e com os seus substitutos. Dita instância se ocupa de comparar o ego atual com o Ego-Ideal.

Divisão da personalidade psíquica

S.Freud, em seu artigo “Para uma Introdução do Narcisismo”, desenvolve outra teoria das divisões da personalidade psíquica, cujo trecho reproduzimos a seguir, com modificações feitas por nós, tanto na tradução, quanto no conteúdo à luz de textos freudianos posteriores : “A diferença entre as afecções esquizofrênicas e as neuroses de transferência parecem-me estar na circunstância de que, nas primeiras, a libido-tânatos liberada pela frustração não permanece ligada a objetos na fantasia, mas se retira para o ego (retração libidinal-tanática). A megalomania corresponderia, por conseguinte, ao domínio psíquico dessa última quantidade de libido-tânatos, e seria assim a contrapartida da introversão para as fantasias que são encontradas nas neuroses de transferência; uma falha dessa função psíquica dá margem à hipocondria da esquizofrenia, e isso é homólogo à ansiedade das neuroses de transferência.

Sabemos que essa ansiedade pode ser transformada por uma elaboração psíquica ulterior, isto é, por conversão, formação de reação ou construção de proteções (fobias). O processo correspondente nos esquizofrênicos consiste numa tentativa de restauração, à qual se devem as surpreendentes manifestações da doença”.

No começo da psicanálise, Freud colocou a hipótese do inconsciente como grupos psíquicos separados do consciente, definindo assim a primeira divisão da personalidade. Na “Interpretação dos Sonhos” (1900), desenvolve a primeira divisão tópica do psiquismo, mostrando um esquema com um Inc. um Prec. e a Cc. Outra hipótese aparece em “Introdução do Narcisismo” (1914), já não tópica senão de natureza econômica, pulsional, que transcrevemos a seguir:

“Uma vez que a parafrenia (esquizofrenia), com frequência, senão geralmente, acarreta apenas um desligamento *parcial* da libido-tânatos dos objetos, podemos distinguir três grupos de fenômenos no quadro clínico: (1) os que representam o que resta de um estado normal de neurose (fenômenos residuais); (2) os que representam o processo mórbido (processo patológico primário) (afastamento da libido-tânatos dos seus objetos e, além disso, megalomania, hipocondria, perturbações afetivas e todo tipo de regressão); (3) os que representam a restauração (processo patológico secundário), nos quais a libido-tânatos é mais uma vez ligada a objetos, como uma histeria (esquizofrenia), ou como uma neurose obsessiva (na paranóia). Essa nova catexia libidinal difere da primária por partir de outro nível e sob outras condições. A diferença entre as neuroses de transferência, que ocorrem no caso de nova espécie de catexia libidinal-tanática, e as formações correspondentes, onde o ego é normal, deve ser capaz de nos proporcionar a compreensão interna (*insight*) mais profunda da estrutura de nosso aparelho mental”.

Lendo os parágrafos anteriores, onde Freud refere-se às estruturas psicóticas, encontramos muitas semelhanças com o que ocorre com as neuroses. Em realidade poderíamos descrever todo processo patológico como se desenvolvendo em dois momentos: 1) Processo patológico primário: a) nas psicoses seria o momento da retração libidinal-tanática ao eu; b) nas neuroses, o momento da introversão libidinal-tanática ao mundo fantasmático. 2) Processo patológico secundário: a) nas psicoses seria o momento da restauração, com a aparição dos sintomas produtivos: alucinações e delírios; b) nas neuroses seria o momento da emergência dos sintomas neuróticos específicos: conversões, fobias, compulsões, etc.

Resumen en castellano:

Este trabajo surge como producto de un grupo de estudios cuyo objetivo inicial fue rever algunos conceptos freudianos. El trabajo no fue simple. Los textos freudianos que son la base de nuestro estudio conservan su vigencia hasta estos días. Sigmund Freud no corrigió muchos de ellos en sus sucesivas reediciones. Aunque nuevos conceptos hayan surgido en su obra que podrían aclarar algunas dificultades teóricas él no modificó sus escritos previos. ¿Cuál habrá sido el motivo? En nuestro grupo de estudios decidimos hacer una relectura de los textos freudianos, por un lado corrigiendo errores de traducción y por otro, modificándolos a la luz de los trabajos posteriores del mismo Freud.

Abstract

The idea of this paper originated in our study group. Our initial goal was to review some freudian concepts but this was not an ordinary task. Up to this date, we still use the “original” freudian texts as a basic ground for our studies. These texts have not been updated most likely because Sigmund Freud barely corrected his original work in posterior reeditions. Even though later in his work he brought up new concepts and ideas that could have helped understand better some of his previous theories, he did not modify them. The question we have is “why he did not?” Our study group have decided to review these freudian texts. Not only to correct possible mistakes that might have originated through translation, but also to modify and update them based on new input that came later in his work.

Mario Alberto Smulever
masmu@terra.com.br

